

**HATTAFAT DAM BRIT
RABINO JOEL ROTH**

Este artigo foi adotado como a opinião minoritária por uma votação de 5 favoráveis e 10 contrários em 10 de março de 1982.

Membros votando a favor: Rabinos David M. Feldman, David H. Lincoln, Mayer E. Rabinowitz, Joel Roth e Morris M. Shapiro.

Membros contrários: Rabinos Kassel Abelson, Jacob B. Agus, Ben Zion Bokser, Salamon Faber, Edward M. Gershfield, Wolfe Kelman, David Novak, Alexander M. Shapiro, Harry Z. Sky e Henry A. Sosland.

Nota: A seção de um artigo, "The Question of Hattafat Dam Brit in Halakhah", do Rabino David Novak, tratando do caso de um judeu que não foi circuncidado no oitavo dia ou foi circuncidado por um gentio ou foi circuncidado como um procedimento puramente médico, foi adotado como a opinião da maioria por uma votação de 10-5 em 10 de março de 1982. Este artigo também aparece neste volume.

Em seu artigo sobre a necessidade de *hattafat dam brit* no caso de um judeu que foi circuncidado inadequadamente, no qual ele lida especificamente com o caso da circuncisão por um gentio como um procedimento puramente médico, o Rabino David Novak depende de três fontes para aconselhar que não haja *hattafat dam brit*. Ele faz referência a *Mishneh Torá, Hilkhoh Milah 2: 1*, ao *Shulhan Aruch, Yoreh De'ah 264: 1* e citações de uma carta do Dr. Mortimer Ostow sobre o impacto psicológico do procedimento.

O Rabino Novak está bastante correto ao notar que Maimônides não requer uma "segunda circuncisão", presumivelmente *hattafat dam brit*, quando a circuncisão foi executada por um não-judeu. No entanto, não parece tão certo que Rambam se referia a um procedimento puramente médico. Muito mais provável, dadas as condições do período de Maimônides, é a suposição de que ele se refere a *um brit milah* em que a circuncisão foi realizada por um não judeu. Ou seja, o pai da criança pediu a um não-judeu para realizar a mitsvá da circuncisão em seu filho. A intenção do pai era *leshem mitzvah*. Em nossos dias, isso seria mais ou menos comparável a uma família judia pedindo a um urologista ou pediatra não judeu para realizar o *brit* porque eles vivem em alguma comunidade distante, onde nenhum *mohel* ou médico judeu, que poderia atuar no lugar de um *mohel*, está disponível.

Na verdade, o início do parágrafo de Rambam dá suporte a esta interpretação. Lá, Maimonides permite que várias classes de pessoas atuem no lugar de um *mohel* quando nenhum *mohel* homem adulto estiver disponível. Na continuação do parágrafo, ele proíbe uma classe, os não-judeus, de servirem a mesma função que ele permitiu a outras classes na primeira parte do texto. A proibição, entretanto, é apenas *lekhathilah*. Depois do ocorrido, embora uma circuncisão

leshem mitzvah, realizada até mesmo por um não-judeu, cumpre os requisitos para *brit milah*. No caso de um procedimento puramente médico, é muito provável, na verdade quase certo, que Maimônides teria exigido *hattafat dam brit*. Certamente, a maioria dos judeus que têm seus filhos circuncidados inadequadamente hoje o fazem como um procedimento puramente médico, e não *leshem mitzvah*. O fato de eles terem feito a circuncisão sem consultar um rabino (como fazem, por exemplo, sobre casamentos ou funerais ou Bar Mitzvah), em que ninguém recite uma bênção de qualquer tipo, em que a circuncisão não é realizada com nenhum acompanhamento ritual, sem mencionar o fato de ser realizado antes do oitavo dia, todos apoiam a tese de que não é feito *leshem mitzvah*. (Em muitos casos, lamentavelmente, os pais têm a circuncisão realizada de forma inadequada *lehakhis*.)

O Shulhan Arukh, com linguagem quase idêntica à do Mishneh Torah, parece ser baseada neste último e, como resultado, as mesmas objeções se aplicam.

A opinião do Dr. Mortimer Ostow sobre o assunto também nos leva a exigir *hattafat dam brit*. Sua suposição de que nenhum trauma real existirá no caso de homens psicologicamente saudáveis evita objeções extratextuais à cerimônia. Na verdade, sua sugestão de que " a experiência poderia contribuir para um sentimento de verdadeiro renascimento" sugere que a cerimônia é de fato desejável.

Com toda certeza, esta questão tem implicações práticas para duas classes de pessoas: um *ba'al teshuvah*, e alguém com uma base não religiosa que não está preocupado com os detalhes haláchicos envolvidos. Para o último, não há necessidade de buscar uma posição leniente. Muitas vezes, temos caído na armadilha de buscar leniências para aqueles que não se importam nem um pouco para halakhah. É contraproducente e leva apenas à conclusão de que a Halachá realmente não importa porque "os rabinos" encontrarão alguma razão para tudo o que fazemos de qualquer maneira. Para o primeiro, a experiência pode ser extremamente positiva. A Gemara (Kiddushin 29a) afirma que onde nem o pai nem o Beit Din tenham tido um menino circuncidado, a responsabilidade recai sobre o indivíduo. Para alguém que busca afirmar para si mesmo a importância de seu novo compromisso com os padrões judaicos, o cumprimento deste mandamento pode ter o máximo possível de ramificações positivas.

Dada a nossa leitura de Rambam e do Shulhan Aruch e levando em consideração os efeitos psicológicos positivos da cerimônia, nós aconselhamos exigir *hattafat dam brit* no caso em que a circuncisão foi realizada por um gentio como um procedimento puramente médico.